

ELIPSE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

ELLIPSES IN BRAZILIAN PORTUGUESE

LÍLIAN TEIXEIRA DE SOUSA
(UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA)
lilian.sousa@ufba.br

Os fenômenos de elipse, ou a omissão de algum elemento da sentença recuperável no contexto, são amplos e bastante estudados no quadro teórico da Gramática Gerativa. Isso porque esses dados são a peça central dos argumentos em favor de uma sintaxe não superficial. Algumas das questões mais discutidas no modelo são como se dá a recuperação do conteúdo elidido e quais são as condições que licenciam os diversos tipos de elipse. O Português Brasileiro (PB) apresenta especificidades interessantes no que diz respeito à elipse e tem contribuído para o desenvolvimento de diversos trabalhos sobre o tema. Assim, o presente artigo teve por objetivo apresentar as principais teorias sobre a elipse e descrever os tipos de elipse presentes no PB. Mostro que o PB apresenta alguns fenômenos bastante relevantes para a compreensão do fenômeno da elipse, como o *V-Stranding* Elipse de VP e Elipse de DP.

Palavras-chave: elipse, licenciamento, Português Brasileiro

The ellipsis phenomena, or the omission of some recoverable elements in the context, are broad and extensively studied within the theoretical framework of Generative Grammar, especially because ellipsis data have been the centerpiece of arguments in favor of a non-superficial syntax. Some of the most discussed issues in the model are about the notion of ‘recoverability of the deletion’ and about the conditions that license the different types of ellipses. Brazilian Portuguese (BP) has interesting specificities with regard to ellipsis and has contributed to the development of several works on the theme. Thus, this paper aims to present the main theories on ellipsis and describe the types of ellipses present in BP. As I show, BP exhibits some phenomena that are very relevant to the understanding of ellipsis phenomena, such as V-Stranding VPE and DP-Ellipsis.

Keywords ellipsis, licensing, Brazilian Portuguese

Recibido: 11 agosto 2020

Acceptado: 08 octubre 2020

1. INTRODUÇÃO

A elipse, ou a omissão de algum elemento da sentença recuperável no contexto, tem intrigado pesquisadores por mais de 50 anos; isso porque o fenômeno representa uma situação em que os algoritmos, estruturas, regras e restrições que permitem o mapeamento entre som e significado não estão visíveis. Especialmente na área da Gramática Gerativa, os fenômenos de elipse se apresentam como um ponto importante de análise, já que esses dados são a peça central dos argumentos em favor de uma sintaxe não superficial, ou lexical (Chomsky 1965). Também por envolver elementos fonéticos não realizados e sua interpretação, os estudos sobre elipse têm contribuído para o entendimento dos mecanismos gramaticais envolvidos na derivação de fenômenos que se relacionam aos sistemas de interface do modelo.

Os trabalhos sobre elipse na perspectiva gerativista envolvem restrições e as condições que asseguram a retomada do conteúdo omitido, seja ele nominal, sentencial ou um predicado. Neste sentido, a primeira grande questão é se há no lugar da elipse uma representação sintática abstrata. Segundo Ross (1969), um dos primeiros a tratar do tema, há estrutura sintática não pronunciada e esse autor, então, propõe uma regra, denominada *sluicing* (comporta), que teria como efeito o apagamento de todo o conteúdo proposicional de uma sentença com exceção do constituinte-q movido de uma pergunta encaixada:

1. Alguém acabou de sair, adivinhe *quem* [acabou de sair].

O autor argumenta a partir de dados do alemão que a explicação para sentenças desse tipo não poderia ser reduzida a uma regra de semântica interpretativa, já que no caso do alemão, assim como de outras línguas que apresentam caso morfológico, o constituinte-q concorda em caso com algum NP da oração precedente:

2. Er will jemandem schmeicheln, aber sie wissen nicht $\left[\begin{array}{l} \text{wem} \\ *wen \end{array} \right]$
 ele quer alguém-DAT bajular → mas eles sabem não → quem.DAT/*quem.ACC
Ele quer bajular alguém, mas eles não sabem quem.

Seguindo este trabalho, outros artigos (Tancredi 1992, Lasnik 1999, Lobeck 1995, Merchant 2001, 2008) identificaram, além de regras de derivação de diferentes tipos de elipse (elipse de DP, VP, *stripping*, *gapping*, fragmento de resposta, etc.), como exemplificaremos na próxima seção, condições de licenciamento que explicariam a variação do fenômeno observada translinguísticamente. O *spading*, por exemplo, um tipo de elipse em que além do constituinte-q apresenta um pronome demonstrativo, foi observado apenas em algumas línguas germânicas e eslavas, enquanto as elipses nominais são típicas das línguas românicas e a presença de elipse de VP diferencia o galego e o português, tanto a variedade brasileira quanto europeia, das demais línguas românicas. Dessa forma, este artigo tem como objetivo discutir as condições de licenciamento da elipse, sua implicação para a teoria gramatical, e mostrar como o fenômeno tem sido relevante também na descrição do Português Brasileiro (PB).

Este artigo é organizado da seguinte forma: na seção 2, A abordagem teórica da elipse, são apresentadas as principais teorias e hipóteses sobre o fenômeno dentro do quadro teórico gerativista; na seção 3, A elipse no PB, apresentamos as principais características do fenômeno nesta língua, e na seção 4 apresentamos as Considerações Finais.

2. A ABORDAGEM TEÓRICA DA ELIPSE

2.1. Os tipos de elipse

A presença de elementos foneticamente não realizados, a elipse, é descrita como uma propriedade das línguas naturais, mas nem todas as línguas apresentam o fenômeno da mesma forma, havendo variação em relação ao tipo de elipse observado em cada língua. Assim, cabe iniciar essa seção pela descrição dos subtipos de elipse presentes na literatura. Como mencionado, a elipse pode ser de predicado, sentencial ou nominal. A omissão do predicado, ou seja, a ausência de um ou mais argumentos internos, mas mantendo o domínio flexional intacto, é um dos tipos de elipse mais tratados nos estudos gerativistas e aparece sob os rótulos descritos nos dados abaixo:

3. a. Eu tenho trabalhado muito, mas o João também tem __. Elipse do Sintagma verbal
(Elipse de VP)
- b. She'll read someting to Sam, but she won't __ to Bill. Pseudogapping
ela vai ler algo para Sam mas ela não-vai para Bill
Ela vai ler algo para o Sam, mas não para o Bill.
- c. John will eat candy and Bill will do __, too. Do britânico
John vai comer doce e Bill vai fazer também
O John vai comer doce e o Bill também vai.
- d. Jan wil niet meedoen, maar hij moet __. Elipse de complemento modal
Jan quer não participar mas ele deve (holandês)
O Jan não quer, mas ele tem que participar.
- e. Ben will be in the garden, though he'd rather not be. Elipse de predicativo
Ben vai estar em o jardim apesar ele seria preferível não estar
O Bem vai estar no jardim, embora fosse melhor não estar.

Dentre os tipos de elipse de predicado descritos acima, a mais conhecida é a elipse de VP. Já a *pseudogapping* é classificada como elipse de VP com a extração adicional de um constituinte interno ao VP para uma posição fora do campo da elipse (Lasnik 1999, Merchant 2008). Já os tipos (3c) e (3d) aparecem mais recentemente na literatura sobre o licenciamento (Aelbrecht 2010, Dagnac 2010), já que nesses casos o verbo que licencia a elipse tem natureza diversa. Já a elipse do tipo (3e) é a que menos aparece nos textos sobre o tema, é diferente das demais por envolver um predicado não verbal; se assume, no entanto, que se trata de apagamento do VP com a extração do verbo *be* (Thoms 2010).

A elipse sentencial, por outro lado, é descrita dessa forma porque, nesse caso, todo o conteúdo flexional da sentença é omitido, incluindo a posição do sujeito, mas deixando de fora constituintes internos movidos do campo da elipse para a periferia à esquerda da sentença. Os subtipos de elipse sentencial são apresentados abaixo:

4. a. O chefe demitiu alguém, mas eu não sei quem. *Sluicing*
 b. João está comendo, eu só não sei o que. *Sprouting*
 c. Ed gave a lecture, but I don't know what about. *Swiping*
 Ed deu uma palestra mas eu não sei o-que sobre
Ed deu uma palestra, mas eu não sei sobre o que.
 d. Jef eid iemand gezien, mo ik weet nie wou da. *Spading*
 Jef tem alguém visto mas eu sei não quem este (holandês de Wambeek)
Jef viu alguém, mas eu não sei quem.
 e. A: O que você comprou? *Fragmento de resposta*
 B: Um carro.
 f. Ana gosta de tênis e a Maria de salto alto. *Gapping*
 g. Ana gosta de tênis e a Maria também. *Stripping*

Os quatro primeiros subtipos de elipse sentencial formam uma unidade com o primeiro, o *sluicing*, já que em todos esses dados o constituinte-q é extraído do campo da elipse. Dentre esses, no entanto, (4c) e (4d) são mais incomuns, já que no caso de (4c) a ordem canônica seria *about what* (Merchant 2001) e não o contrário, e em (4d), o constituinte-q é seguido de um pronome demonstrativo, fenômeno observado em dialetos do holandês, do alemão, frísio, norueguês e tcheco (van Craenenbroeck 2010). Já os fragmentos de resposta são muito estudados por constituírem XP's sub-sentenciais com o mesmo conteúdo proposicional e força ilocucionária de uma estrutura sintática sentencial plena.

Também (4f) e (4g) podem ser consideradas do mesmo tipo, porque ambas são diretamente coordenadas com um antecedente; são diferentes apenas quanto ao número de constituintes remanescentes: um, acompanhado de um elemento de polaridade, no caso do *stripping*, e mais de um no caso de *gapping*.

É ainda interessante mencionar a anáfora de complemento nulo (NCA), que, embora superficialmente se pareça com elipse, é bem diferente do fenômeno ilustrado em 4(a-g), porque envolve o apagamento de todo o complemento sentencial sem apresentar nenhum elemento movido do campo da elipse (e.g. João quis que Pedro ajudasse a Maria, mas ele se recusou), o que faz com que se assuma que, nesse caso, não há estrutura sintática interna, mas pronomes nulos (Shopen 1972).

O terceiro subtipo de elipse, a elipse nominal, envolve um núcleo ou sintagma nominal que está ausente, mas que continua ativo na sintaxe, já que continuam controlando a concordância de seus alvos usuais (adjetivos, determinantes etc.). É particularmente comum nas línguas românicas, alguns exemplos são apresentados abaixo:

5. a. Antigamente eu bebia cerveja importada, agora só bebo brasileira.
 b. Primeiro chegaram os estudantes de física, só depois vieram os de química.

2.2. Identidade e licenciamento

Como mencionado na seção anterior, a principal preocupação dos primeiros trabalhos sobre elipse em Teoria Gerativa foi a formulação de uma condição que assegurasse a recuperação do

conteúdo elidido (Harris 1957, Lees 1961, etc.). Chomsky (1955, 1965) sugere que essa condição poderia ser formalizada a partir de uma transformação de apagamento possibilitada pela identidade estrita entre o item elidido e o antecedente. No entanto, como identidade em itens lexicais é entendida como a composição de traços, essa condição não se confirma quando se observa a elipse em sentenças comparativas em que pode haver discordância de traços entre o antecedente e o item elidido, como no dado abaixo.

6. these men are_[+plural] more clever than Mary <is_[-plural]>.
 esses homens são mais espertos que Mary
Esses homens são mais esperto que Mary.

Com isso, Chomsky (1965: 182) conclui que o que legitima o apagamento não é a identidade estrita, mas a ‘não distintividade’ e formula a condição da seguinte forma: “um termo X da análise apropriada pode ser usado para apagar um termo Y da análise apropriada somente no caso em que a parte formativa inerente de X não é distinta da parte formativa inerente de Y”¹. Assim, os traços não especificados na estrutura subjacente (como número) também não trazem nenhuma contribuição independente para a interpretação da sentença, pois são recuperáveis no sentido em que o contexto que os determina ainda está presente mesmo depois do apagamento do item em questão.

Essa condição, no entanto, não consegue explicar dados em que por mais que recuperável no contexto, a elipse não é bem formada, como ilustrado abaixo:

7. *John read the long book and I read the short [NP e].(Craenenbroeck *et al.* 2013: ex. (1))
 John leu o longo livro e eu li o curto
John leu o livro longo e eu o curto.

Segundo Craenenbroeck *et al.* (2013), apesar de o NP elidido acima ser perfeitamente recuperável, a elipse não é possível, o que levou a se pensar em uma segunda condição sobre a elipse, chamada de licenciamento (Lobeck 1995), que deve dar conta do fato de que não é qualquer sintagma que pode ser elidido. As condições de licenciamento são particularmente importantes, pois explicam algumas das diferenças entre línguas em relação à elipse, observe que o dado em (7), agramatical em inglês, é possível em português, espanhol, além de outras línguas românicas.

Assim, vemos que o fenômeno da elipse envolve restrições, condições de licenciamento, e que há a necessidade de alguma forma de identificação entre a elipse e seu antecedente. A natureza dessa identificação, no entanto, sempre foi marcada por discordância sobre que componente está diretamente envolvido. As análises semânticas defendem que essa identificação elipse-antecedente é estritamente de natureza semântica, já as análises de cunho mais sintático argumentavam a favor de uma condição de identificação estrutural. A ausência de um consenso nesse sentido parte principalmente da ausência de uniformidade nas restrições para a ocorrência de elipse. A abordagem da identificação estrutural, por exemplo, se baseia na

¹ Do original: *a term X of the proper analysis can be used to erase a term Y of the proper analysis just in case the inherent part of the formative X is not distinct from the inherent part of the formative Y.*

impossibilidade de elipse quando não há identificação formal entre a estrutura antecedente e a estrutura elidida:

8. #The incident was reported by the driver, and the pedestrian did too.
 o incidente foi reportado por o motorista e o pedestre fez também
 (Kertz 2010: ex. (6))

Para Sag (1976), o fato de a elipse ser excluída em contextos em que a voz da sentença antecedente e a sentença com elipse não são a mesma é evidência para a necessidade de identificação estrutural, como ilustra o exemplo (8) acima. No entanto, mesmo quando não há simetria entre estrutura antecedente e estrutura elidida quanto à voz, em alguns casos, a elipse é possível:

9. This problem was to have been looked into, but obviously nobody did __
 este problema era para ter sido olhado para mas obviamente ninguém PAS
 (Kehler 2000: ex (22))

Exemplos como o apresentado acima são frequentemente usados pelos simpatizantes da hipótese semântica contra a necessidade de identificação estrutural para o licenciamento de elipse, já que há uma diferença de voz entre o antecedente (passiva) e a estrutura elidida (ativa). Na tentativa de solucionar esse impasse, semanticistas como Kehler (2000) atribuem as restrições da elipse à coerência discursiva. Para Kehler, processos inferenciais de coerência são sensíveis à estrutura sintática.

Por outro lado, há uma profícua discussão em torno do movimento de núcleo do verbo principal em estruturas que apresentam Elipse de VP, fenômeno conhecido como *V-Stranding VPE*, já que nesse caso mesmo que o verbo movido seja perfeitamente recuperável, a extração só é possível se o verbo antecedente for idêntico ao verbo da sentença elíptica:

10. a. Dúirt mé go gcennóinn é agus cheannaigh. (irlandês)
 disse eu que comprar isso e comprei
Eu disse que ia comprar e comprei.
- b. *Léigh mé an dán ach níor thuig.
 li eu o poema mas não[PAS] entendi.
Eu li o poema, mas não entendi.

Os dados acima mostram que no irlandês a elipse de VP só é possível se o verbo extraído for o mesmo do antecedente. Esses mesmos dados são apresentados por Goldberg (2005: 2 e 168) para exemplificar um requerimento de identidade verbal, que ele define da seguinte maneira: o antecedente e o verbo principal da sentença-alvo de uma elipse de VP precisam ser minimamente idênticos em sua raiz e morfologia derivacional. Outro ponto intrigante desse fenômeno é que esse requerimento de identidade não existe para outros tipos de elipse, o que levou muitos pesquisadores a associar essa restrição ao movimento de núcleo. Landau (2018), no entanto, reexaminando dados do hebraico, verifica que, pelo menos nessa língua, muitos dados descritos como *V-Stranding VPE* se tratam, na verdade, de Elipse de Argumento (EA);

isto porque, segundo o autor: (i) não há VP lexical antecedente ou subida de verbo, (ii) a identidade verbal não é respeitada e (iii) o objeto preposicional co-ocorre com a lacuna. Também Lipták (2012) afirma que o movimento não está restrito a verbos e observa que o húngaro apresenta *VM-stranding*, movimento de modificador verbal, e o esloveno apresenta movimento do clítico nas mesmas condições.

Ainda sobre o tema da Elipse de VP, Merchant (2008) argumenta que o não paralelismo entre antecedente e alvo é permitido a depender do nível em que o apagamento ocorre; se o apagamento tem como alvo um nó abaixo de VoiceP, o VP é não marcado para VoiceP e o não paralelismo é permitido. Isso explicaria, segundo o autor, porque a elipse de VP exige que o item elidido e o antecedente sejam idênticos, enquanto no *sluicing* não há esse tipo de restrição.

Por outro lado, um argumento apresentado pelos semanticistas em defesa da identidade semântica diz respeito ao comportamento de itens de polaridade negativa, já que nesse caso a presença de *any* ou *some* depende da presença ou ausência da negação:

11. John didn't see anyone, but Mary did [see someone/*anyone]

John não-PAS ver alguém mas Mary PAS ver alguém

John não viu ninguém, mas Mary viu.

Dados como o apresentado em (11) são facilmente explicados pela semântica, já que *someone* e *anyone* são semanticamente idênticos, ambos correspondendo a variáveis existenciais, a sintaxe dessas estruturas, por outro lado, não é tão clara. Uma tentativa nesse sentido é apresentada por Johnson (2001). Segundo esse autor, dados como esses também podem ser explicados pela abordagem sintática se determinantes como *a* e *no* do inglês entrarem na derivação subespecificados para polaridade e precisarem ser movidos para uma posição mais alta para que esse traço seja checado/valorado.

Enfim, a principal consequência na escolha da hipótese semântica ou sintática está no entendimento de como elipses são geradas e de que componentes da gramática são relevantes, enquanto a abordagem sintática levanta a Hipótese da Redução Fonológica (Tancredi 1992, Chomsky e Lasnik 1993, Lasnik 1999), a abordagem semântica argumenta, muitas vezes, a favor da existência de proformas (Hardt 1993, Hardt e Romero 2004, Lobeck 1995). Para os defensores da primeira proposta, sentenças elípticas são formadas por regras do componente PF que deletam fonologicamente a informação redundante. Já para a segunda proposta é assumido que há proformas a serem derivadas essencialmente como pronomes vazios gerados na base, não havendo, portanto, estrutura sintática interna. As duas abordagens trazem importantes consequências para a teoria gramatical, pois se há estrutura gramatical em contexto de elipse, é preciso assumir que há sintagmas e núcleos não pronunciados, ou, em caso contrário, a sintaxe se resume àquilo que se ouve.

Um argumento central na distinção entre as duas abordagens diz respeito à possibilidade de extração para fora do lugar da elipse. Se a extração é possível, acredita-se que há estrutura sintática o suficiente para hospedar o traço; já se a extração é impossível, a hipótese é que falta estrutura sintática, ou seja, há a presença de uma proforma.

Dentre os estudos de abordagem sintática, destacam-se os trabalhos de Tancredi (1992). Para Tancredi, a elipse compreende um fenômeno de interface envolvendo PF e LF, a proposta é que o elemento elidido não é realmente apagado, mas não pronunciado, ou seja, ele é suprimido em PF.

Além das abordagens puramente sintáticas ou semânticas, há aquelas que podem ser definidas como híbridas, pois conjugam presença de estruturas não-pronunciadas com identificação semântica. Merchant (2001), por exemplo, analisando casos de *sluicing*, sugere que o licenciamento da elipse se dá através da checagem de um traço-E em uma relação núcleo a núcleo, provocando o apagamento em PF. Esse traço E, na proposta do autor, está relacionado à Condição de Foco, em que um IP pode ser apagado se ele for dado (*e-given*). Nas definições do autor:

12. Condição de Foco sobre Elipse (FCE, Merchant, 2001:26)

- a. Um constituinte E pode ser apagado se e somente se E é dado (*e-given*)
- b. Uma expressão-E conta como dada (*e-given*) se e somente se E tem um antecedente saliente A, e no módulo de substituição de tipo- \exists :
 - i. A implica F-fechamento (E), e
 - ii. E implica F-fechamento (A)
- c. F-fechamento(α) é o resultado da substituição de partes F-marcadas de α com variáveis de borda \exists

Na proposta de Merchant (2001), a elipse de IP ou VP assegura que um IP ou VP só pode ser apagado se é dado. Assim, a estrutura informacional adquire um papel importante nas teorias sobre a derivação da elipse.

2.3. Estrutura informacional e as interfaces

Recentemente, estudos têm associado a não uniformidade nos dados de identificação entre antecedente e estrutura elidida a restrições de estrutura informacional, como, por exemplo, requerimento de paralelismo tópico/comentário. De uma forma ou de outra, no entanto, as abordagens tanto sintáticas quanto semânticas associam elipse a estrutura informacional. Um grupo assume que regras anafóricas acontecem no componente semântico/pragmático e interage diretamente com PF sem recurso à sintaxe. O outro grupo assume que regras de movimento de tópico e foco, assim como interpretação anafórica, desacentuação anafórica e particularmente condições de acessibilidade e identidade sobre elipse ocorrem na interface sintaxe-estrutura informacional com efeito imediato de silêncio em PF. No entanto, uma terceira proposta, defendida por Winkler (2005), integra essas duas posições. De acordo com a autora, a elipse é um fenômeno de interface que resulta da complexa interação entre componentes gramaticais nucleares e o componente da estrutura informacional. A ideia é que o resultado da interpretação é marcado na forma de traços sobre a respectiva fase que é enviada para PF. PF deriva estruturas fonológicas, fase por fase. Assim, no caso de elipse, PF deriva silêncio ao invés de estruturas fonológicas.

Também Kertz (2010) associa elipse a estrutura informacional. Para a autora, tanto os modelos sintáticos quanto semânticos da elipse revelam que eles são caracterizados por diferentes estruturas de foco. Nos dados de não paralelismo em termos de voz, por exemplo, observa que o sujeito alvo está em foco e é interpretado contrastivamente com o agente da passiva da sentença antecedente.

13. The driver reported the incident, and AN ONLOOKER_{foc} did too.
o motorista reportou o incidente e um espectador PAS também

O motorista reportou o incidente e um espectador também.

14. #The incident was reported by the driver, and AN ONLOOKER_{foc} did too.
o incidente foi reportado por o motorista e um espectador PAS também

(Kertz 2010: exs. (57) e (58))

Segundo a autora, o acento sobre *an onlooker* sugere a ocorrência de foco e leva à interpretação de contraste com *the driver*. Em outros casos de não aceitabilidade em estruturas em que falta o paralelismo, o foco cai sobre o verbo auxiliar, evocando contraste sobre tempo, aspecto, modo, polaridade, ou pela combinação de ambos, o que é evidenciado pela ocorrência de acento de *pitch* mais proeminente sobre esse item. Com isso, a autora argumenta que o (não) paralelismo entre estrutura elidida e estrutura antecedente está, na verdade, relacionada a estrutura de foco e não exatamente à estrutura sintática ou à coerência discursiva.

A análise de Kertz (2010) se aproxima, de certa forma, aos trabalhos de Tancredi (1992) e de Rooth (1992), por relacionar o licenciamento da elipse a foco. Para esses autores, o fenômeno da elipse está relacionado à interface sintaxe-fonologia com efeito de desacentuação como já observado em estudos sobre os efeitos do foco na prosódia, em que há a ocorrência de acento de *pitch* sobre o item em foco e a desacentuação do conteúdo proposicional restante. Na proposta de Kertz (2010), no entanto, a redução de aceitabilidade em casos de não paralelismo sintático não está relacionada à sintaxe *per se*, mas à falta de paralelismo tópico/comentário em uma estrutura de tópico contrastivo.

Embora haja muitos tipos de elipse, *sluicing* (Cf. (15)) e elipse de VP (cf. (16)), por sua similaridade no que diz respeito a questões discursivas, são os tipos mais frequentemente tratados quando se trata de análises que têm como fim a checagem das abordagens semântica ou sintática.

15. John can play something, but I don't know what.

John pode tocar algo mas eu não-PS sei o que

O John consegue tocar algo, mas eu não sei o que.

16. John can play the guitar and Mary can, too.

John pode tocar a guitarra e Mary pode também

O John consegue tocar guitarra e mary também consegue.

Nos dois exemplos acima, há a necessidade de algum antecedente equivalente objeto de algum tipo de paralelismo. Para a abordagem híbrida, no entanto, a distinção entre os diferentes tipos de elipse tem um papel fundamental. Segundo Winkler (2005), por exemplo, elipse de VP é o resultado da passagem pelo primeiro ciclo derivacional, no sentido de Chomsky (2008), enquanto *stripping* (17) e *gapping* (18) são resultado da passagem por dois ciclos derivacionais.

17. John can play the guitar better than Mary.

John pode tocar a guitarra melhor que Mary

John consegue tocar guitarra melhor que Mary.

18. John can play the guitar better than Mary the violin.

John pode tocar a guitarra melhor que Mary o violino

John consegue tocar guitarra que Mary o violino.

Essa divisão em duas classes de elipse está relacionada com dois diferentes conceitos de foco, o foco informacional e o contrastivo, com a ocorrência de diferentes processos computacionais na gramática. No modelo de Winkler (2005), a teoria sintática da estrutura informacional é crucial na derivação superficial de interpretações semânticas, ou seja, a estrutura informacional é considerada como um subcomponente central de LF, separando estruturas que não requerem deslocamento daquelas que requerem operações de movimento, apenas essas últimas teriam efeitos sobre a interpretação semântica superficial. Dessa forma, sintaxe e estrutura informacional formam o componente nuclear da gramática trabalhando em paralelo com os outros componentes. Os dois ciclos apresentados compreendem o processo de derivação em fases, em que o ciclo 1 opera automaticamente sobre a fase menor enviada para LF e que aloca o foco informacional *in situ*, enquanto o ciclo 2 checa a fase para material deslocado.

No que diz respeito à interface PF, o silêncio fonológico no local da elipse, nesse modelo, é o resultado de uma divisão de trabalho mais econômica entre os componentes fonológico, semântico e pragmático para elipse de borda discursiva (DBE) e entre o componente sintático e semântico para a derivação da elipse de borda de sentença (SBE). A elipse de borda de sentença é aquela que não envolve contraste, o elemento focalizado permanece *in situ*, já a elipse de borda discursiva é aquela que envolve contraste, o elemento focalizado é elevado para uma posição mais acima na estrutura, FocP. A diferença entre a interpretação contrastiva ou não é crucial para distinguir os dois tipos de elipse, pois se o elemento precisa ser movido para uma posição mais alta na qual checa seu traço [+contrastivo], ele precisa deixar traços nas posições intermediárias, o que nos leva a crer que, nesse caso, há estrutura sintática o suficiente para abarcar esses traços.

3. A ELIPSE NO PB

Na seção anterior apresentamos a abordagem teórica da elipse e afirmamos que: (i) a forma como se dá identificação entre a elipse e seu antecedente é o principal ponto de divergência teórica e (ii) que o licenciamento da elipse está diretamente relacionado à variação translíngua, o núcleo que licencia a elipse em uma língua pode não ser o mesmo em outra. Pensando nesses dois pontos fundamentais, nos focaremos a partir de agora em alguns trabalhos sobre elipse no PB que contribuem tanto para a teoria gramatical, ao acrescentar dados sobre identificação, especialmente no que diz respeito à elipse de VP, quanto para à compreensão das características do PB que o diferenciam de outras línguas. Dessa forma, a presente seção vai tratar de algumas questões referentes à identificação entre elipse e antecedente em elipses nominais, mas principalmente da Elipse de VP, e da extração do verbo (*V-stranding VPE*), além de uma proposta de Elipse de DP.

Um dos primeiros pontos que tratamos neste artigo foi a identidade de traços em elipses nominais que, como vimos em Chomsky (1965), só tem um papel na elipse quando se refere a traços formativos inerentes. Depiante e Masullo (2001) observam, no entanto, que embora possa

haver não-parallelismo entre nominais quanto a número, o mesmo não é observado em relação a gênero no espanhol (*cf.* (19) abaixo) e, por isso, propõem que gênero é um traço intrínseco do nome, enquanto número é sintático e núcleo de uma projeção funcional que intervém entre o DP e o NP.

19. a. Juan visitó a sus tíos y Pedro prometió visitar al de él.
 Juan visitou a seus tios e Pedro prometeu visitar ao de ele
Juan visitou seus tios e Pedro prometeu visitar o seu.
- b. Juan visitó a su tío y Pedro prometió visitar a los de él.
 Juan visitó a seu tio e Pedro prometeu visitar a os de ele
Juan visitou seu tio e Pedro prometeu visitar os dele.
- c. *Juan visitó a su tío y Pedro prometió visitar a la de él.
 Juan visitou a seu tio e Pedro prometeu visitar a a de ele

Nunes e Zocca (2009) concordam que há diferenças em relação ao (não) parallelismo de traços entre elipse nominal e antecedente, mas afirmam que enquanto as diferenças de número são consistentemente ignoradas, as de gênero também não são um requerimento sempre como a proposta de Depiante e Masullo (2001) faz supor. Segundo os autores, gênero tem um comportamento mais variável, conforme (20) a (22) abaixo, e propõem que essa análise deve levar em conta a noção de marcação, já que há às vezes uma assimetria em relação ao gênero que licencia seu correspondente numa construção de elipse.

20. a. Aquele rapaz é americano, mas esses dois não são. [americanos]
 b. Estes esqueletos são fósseis, mas aquele ali não é. [fóssil]
21. a. Brad is an actor and Angelina is too. [an actress]
 Brad é um ator e Angelina é também
Brad é um ator e Angelina também é.
- b. *Angelina is an actress and Brad is too. [an actor]
 Angelina é uma atriz e Brad é também
Angelina é uma atriz e Brad também é.
- c. *Dracula is a count and Mina is too. [a countless]
 Drácula é um conde e Mina é também [uma condessa]
- d. *Mina is a countless and Dracula is too. [a count]
 Mina é uma condessa e Drácula é também [um conde]
22. a. O João é médico e a Maria também é. [médica]
 b. A Maria é médica e o João também é. [médico]
 c. ?O Paulo é ator e a Fernanda também é. [atriz]
 d. ??A Fernanda é atriz e o Paulo também é. [ator]

e. *O Drácula é conde e a Mina também é. [condessa]

f. *A Mina é condessa e o Drácula também é. [conde]

(Nunes e Zocca 2009 ex. (4-6))

Comparando as variações de aceitabilidade do (não) paralelismo em relação a gênero, Depiante e Masullo (2001) sugerem que, na verdade, gênero em predicados nominais pode ser ignorado, mas somente quando nomes tomam seu gênero como resultado de uma operação de *Agree* com seu controlador fora do campo da elipse, se, por outro lado, o nome é especificado lexicalmente para gênero, então, o não paralelismo é impossível. Já Bobaljik e Zocca (2011) propõem, por fim, três classes de nomes predicativos: nomes do tipo ‘médico’, que permitem a troca de gênero em ambas as direções (*cf.* (22a-b)); nomes do tipo ‘atriz’, que só permitem a troca de gênero em uma direção (22 c-d); e nomes do tipo ‘condessa’, que não permitem a troca de gênero em nenhuma direção (22 e-f).

A questão do (não) paralelismo de gênero em elipses nominais, no entanto, não foi encerrada a partir dos trabalhos supramencionados, segundo Craenenbroeck e Merchant (2013) nenhum desses trabalhos lida satisfatoriamente com o fato de que na posição de argumento apenas número varia, gênero não varia em nenhuma classe de palavra. Assim, a única generalização possível é a apresentada por Merchant (2011):

23. *Generalização gênero e elipse.* Quando gênero é variável (como em determinantes, clíticos, adjetivos, e em alguns nomes sob certas circunstâncias), ele pode ser ignorado na elipse. Quando gênero é invariante (em nomes em posição argumental, e em alguns nominais em usos predicativos), ele não pode ser ignorado pela elipse.

Se identidade em elipses nominais está relacionada à natureza dos traços- ϕ dos nomes, no caso de elipse de VP essa identidade é um pouco mais complexa. Se no inglês, por exemplo, a elipse de VP é licenciada por verbos auxiliares e pela cópula (*cf.* (24)), no português, verbos principais também podem ser licenciadores. Esse fenômeno poderia ser explicado pelo movimento generalizado do verbo para uma projeção funcional mais alta, mas o problema é que nem toda língua que apresenta movimento de verbo permite a Elipse de VP, como explicamos mais abaixo.

24. a. John is reading that book and Mary is __, too.

John está lendo este livro e Mary está também

John está lendo este livro e Mary também está

- b. *John starts reading that book and Mary starts __, too.

John começa lendo este livro e Mary começa também

John começa a ler este livro e Mary também começa.

Para Martins (1994) e López (1999), o licenciamento da elipse de VP estaria relacionado à presença de polaridade (Σ), em termos de diferenças de traços [+forte] para a primeira ou pela presença ou não desse traço nos verbos para o último. Cyrino e Matos (2002, 2005), no entanto, rejeitam essa explicação por considerarem que não há evidência de que Σ licencie elipse de VP no português, já que *pseudostripping*, que mobiliza Σ está excluído de contextos de ilha, onde a

elipse pode ocorrer. As autoras, então, propõem que o licenciamento se dê sob c-comando imediato do núcleo funcional lexicalmente realizado com traços-v que se combinam com o predicado verbal elíptico.

Mais tarde Cyrino e Matos (2007) retomam esse tema por considerarem que a condição de licenciamento proposta prediz que línguas com movimento generalizado do verbo tenham Elipse de VP, o que, no entanto, não se confirma, já que o espanhol, o francês e o alemão exibem movimento de verbo, mas não elipse de VP. As autoras lembram, então, que em francês, espanhol e alemão os auxiliares dos tempos compostos sofreram um processo de gramaticalização que fez com que perdessem seu valor aspectual e, a partir disso, argumentam que o enfraquecimento do valor aspectual está correlacionado com a perda de valor temporal da flexão que afeta o auxiliar, gerando para a expressão do passado simples a forma perifrástica (auxiliar + particípio). Por fim, as autoras reformulam a hipótese do parâmetro da Elipse de VP em relação às propriedades de Asp, considerando localidade:

25. *Parâmetro da Elipse do VP*

O núcleo funcional realizado, potencial licenciador do vP elíptico, c-comanda imediatamente o predicado elíptico: Sim/Não. Só c-comando imediato licencia o predicado elíptico.

A partir dessa proposta, Cyrino e Matos (2007) argumentam que o inglês e o português, por contarem com AspP como uma projeção estendida de vP, licenciam a Elipse de VP, já no alemão, francês e espanhol Asp está altamente gramaticalizado e não é uma extensão de vP, por isso sua interposição impede T de c-comandar imediatamente vP. As autoras lembram, porém, que se no Português Europeu (PE) e no inglês o licenciador do VP Elíptico é T, no PB a Elipse de VP pode ser licenciada por outros núcleos funcionais: T, Asp ou Particípio Passado (Cyrino e Matos 2002), o que pode ser comprovado pelas diferenças de interpretação entre as duas variedades em relação ao dado ilustrado abaixo:

26. A Maria está lendo livros às crianças, mas o João não está lendo.

Segundo as autoras, a sequência em (26) é interpretada como elipse de VP no PB, mas como uma sentença com verbo intransitivo no PE. A diferença de interpretação dessa sentença mostra que T é tida como a categoria que licencia a Elipse de VP no PE, enquanto no PB essa categoria tem que estar numa posição mais baixa, provavelmente AspP.

Um outro argumento apresentado é a posição do advérbio focalizado “também”, que é usualmente tomada como evidência da posição do verbo (Brito 2001, Cyrino 2010, 2012). A leitura de elipse de VP é perdida no PE quando o advérbio “também” é colocado numa posição mais baixa, entre o auxiliar e o verbo principal, o que não ocorre no PB. Com isso, Cyrino e Matos (2002) argumentam que o verbo não se move para T no PB, tendo como posição final Asp, que é a projeção que licencia a elipse de VP nessa língua.

27. a. Ele estava cantando cantigas às crianças, porque eu estava *também* cantando __.
 __ = ~~(cantando) cantigas às crianças~~ (Ok PB) (??PE)
- b. Ele estava a cantar cantigas às crianças, porque eu estava *também* a cantar __.
 __ = ??~~(cantar) cantigas às crianças~~ (PE)
 __ = ~~(cantar)~~

Com isso, Cyrino e Matos (2007) explicam que em línguas em que o verbo sobe para T (ou C-T) a variação paramétrica pode em última instância resumir-se à variação dos traços de Asp: Asp selecionado por T que tem um traço [+predicativo] e um traço [+tempo]. Só em línguas em que Asp tem um traço + predicativo (AspP- ν P), T c-comanda imediatamente ν P. Assim, o único requisito para o licenciamento da Elipse de VP é que o núcleo funcional instanciado pelo item verbal c-comande localmente o predicado elíptico. Se no PB o licenciamento envolve núcleos funcionais abaixo de T (Aspecto Gerundivo Progressivo e o Particípio Passado Passivo), todos têm o licenciador ocupando um núcleo funcional concatenado com o ν P elíptico:

28. a. João está lendo livros às crianças e Ana também está

b. ... a Ana também está [_{ProgrAsp} lendo [_{VP} [~~lendo~~] os livros às crianças]

Cyrino e Lopes (2016) também argumentam em favor da hipótese de que o núcleo funcional Aspect seja o licenciador de Elipse de VP no PB e acrescentam que objetos nulos anafóricos nessa língua são, na verdade, casos de elipse de DP igualmente licenciados por um núcleo aspectual lexicalizado, consequência da perda de movimento generalizado.

Segundo as autoras, os objetos nulos anafóricos apresentam no PB algumas propriedades que não são observadas em outras línguas: (i) podem ocorrer em ilhas; (ii) se referem a antecedentes [-animados]; (iii) permitem tanto a leitura estrita quanto *sloppy*² e (iv) não podem fazer referência ao sujeito matriz.

29. Minha avó fez sushis porque seus filhos queriam continuar comendo __ depois que voltaram do Japão no ano passado.

30. a. *João viu a Maria e o Pedro abraçou __.

b. João viu Maria na festa e Pedro também viu __.

31. Ontem o João pôs o dinheiro na gaveta, mas Pedro guardou __ no cofre.

a. Pedro guardou o anel do João (leitura estrita)

b. Pedro guardou seu próprio anel (leitura *sloppy*)

32. a. *João_i tinha medo que o Pedro matasse ___i

Observe que parece ser difícil distinguir elipse de VP e objeto nulo em línguas com movimento de verbo, isso se não há um outro complemento ou um adjunto não pronunciado. No PE, no entanto, o objeto nulo não se confunde com a elipse de VP, porque apresentam propriedades distintas; o objeto nulo não ocorre em ilhas, uma restrição que não se aplica à Elipse de VP. No PB, por outro lado, o objeto nulo é livre para ocorrer em ilhas:

33. Minha avó fez sushis porque seus filhos queriam continuar comendo __ depois que voltaram do Japão no ano passado. [ok PB] [*PE]

² A leitura *sloppy* se diferencia da estrita por não apresentar um referencial idêntico ao da primeira sentença: “O João ama a sua mãe e Pedro também__.” (Pedro ama a mãe de João = leitura estrita/ Pedro ama a sua própria mãe = leitura *sloppy*).

Como os dados apontados acima mostram, há muitas similaridades entre a Elipse de VP e o objeto nulo anafórico no PB. As autoras, no entanto, chamam atenção para o fato de que a proposta não é que objetos nulos sejam casos de Elipse de VP, mas que no caso dos objetos nulos anafóricos ao invés da elisão de toda a estrutura vP-VP, como ocorre na Elipse de VP, apenas o DP complemento direto é elidido. Um argumento adicional apontado pelas autoras em favor dessa análise é dado pela sequência abaixo:

34. Eu adoro [o carro do João_i], mas ele_i odeia ___.

O fato é que a sequência acima violaria o Princípio C se se tratasse de um objeto nulo e é, por esse motivo, agramatical em língua que não permitem a Elipse de DP. Com isso, as autoras concluem que objetos nulos anafóricos no PB são casos de Elipse de DP.

Como mencionado, o português, diferentemente da maioria das línguas românicas, apresenta Elipse de VP. Uma instancição desse fenômeno são respostas verbais curtas para perguntas polares, que também ocorrem no português e no galego, mas em nenhuma outra língua românica. Parte daí a relação que inicialmente se estabeleceu entre a Elipse de VP e a categoria de polaridade. Recentemente, no entanto, resposta a perguntas polares tem ocupado um lugar importante nos estudos gerativistas. Holmberg (2013, 2016), por exemplo, afirma que a sintaxe das respostas a perguntas sim-não é em grande parte similar à sintaxe das perguntas. Para esse autor, há elipse mesmo quando a língua faz uso de partículas como respostas e as diferenças entre as línguas em relação ao tipo de resposta está relacionada à posição que a negação ocupa na estrutura de cada língua.

Holmberg (2016) propõe ainda que a estrutura sintática de perguntas polares inclui uma variável livre com dois valores possíveis, a variável [\pm Pol]:

35. [_{CP} do [_{IP} you [\pm Pol] want tea]]

A sentença acima poderia ser descrita da seguinte forma: Qual o valor de [\pm Pol] tal que ‘você [\pm Pol] quer chá’ é verdade? Nesse caso, a resposta *yes* ou *no* atribui um valor à variável da pergunta resultando em uma proposição verdadeira – *yes* significa [+Pol] e *no* [-Pol]. Assim, a resposta é, em casos não marcados, composta do mesmo conteúdo proposicional da pergunta, sintaticamente codificando o mesmo PolP, mas na resposta o traço de polaridade estaria especificado na posição de foco sentencial, que atribui um valor ao núcleo de polaridade no IP. O IP na resposta é tipicamente deletado a partir da identidade com o IP da pergunta, o que leva a uma PF composta por uma única palavra pronunciada, codificando o valor da polaridade focalizada.

36. Q: Is John coming?

A: Yes [John is coming]

37. [_{FocP} yes Foc [_{PolP} John [+Pol] is coming]]



Essa proposta tem sido utilizada para explicar mais alguns fatos do PB (Teixeira de Sousa a sair), me refiro às diferentes estruturas negativas dessa variedade. Como já é bastante conhecido, o PB apresenta três estruturas negativas, que têm funções diferentes na língua – [Neg VP]; [Neg VP Neg] e [VP Neg]. Para Teixeira de Sousa (2012, 2015), a estrutura [Neg VP Neg]

seria um tipo de negação semântica com escopo sobre proposições em oposição à [Neg VP], que teria escopo sobre eventos. Como uma proposição é definida como algo interpretado como verdadeiro e considerando ainda que essa estrutura não ocorre, como aponta a autora, em narrativas, mas em diálogos, temos um argumento para dizer que o 'não' final de sentença é a realização de PolP, em conformidade com a proposta de Holmberg (2013, 2016).

Segundo Teixeira de Sousa (a sair), a análise é ainda mais clara para a estrutura [VP Não], já que a estrutura ocorre unicamente em contextos responsivos (Teixeira de Sousa 2012, 2015). Nesse caso, é possível argumentar que o *não* dessa estrutura não é diferente do que está presente nas estruturas [Neg VP Neg], já que seria a realização fonológica de Pol. Assim, a diferença entre as duas estruturas seria apenas a elipse presente em uma, mas não na outra, já que respostas, parasitas às perguntas ou asserções no contexto dialógico, vão sempre provocar apagamento em PF por condições de identidade.

Se a proposta apresentada acima está correta, então, a Elipse de Resposta não pode ser tratada como uma instanciação de Elipse de VP, já que, nesse caso, o movimento do verbo, relacionado à checagem de um traço foco, poderia estar numa posição ainda mais alta que Asp, o que levaria à interpretação de Elipse de TP para respostas a perguntas polares. Há, no entanto, muito o que se explorar em relação à Elipse de Resposta, especialmente no que diz respeito à comparação do fenômeno entre diferentes línguas, já que o mesmo fenômeno é observado no irlandês, russo, hebraico etc.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos descrever as principais abordagens teóricas da elipse no quadro teórico gerativista. Como vimos, a principal preocupação dos primeiros trabalhos sobre elipse em Teoria Gerativa foi a formulação de uma condição que assegurasse a recuperação do conteúdo elidido, posteriormente passou-se a observar também as restrições e condições de licenciamento que variavam translinguísticamente. Neste ponto, a necessidade de identificação da elipse e do antecedente se tornou uma das questões mais exploradas e mais controversas, já que a natureza dessa identificação, como apontado, sempre foi marcada por discordâncias sobre que componente está diretamente envolvido. As análises semânticas defendem que essa identificação elipse-antecedente é estritamente de natureza semântica, já as análises de cunho mais sintático argumentavam a favor de uma condição de identificação estrutural para o licenciamento da elipse.

Passamos à descrição dos fatos do PB, mostrando as contribuições que os estudos de elipse na língua têm trazido para a Teoria Gramatical. Já que a língua apresenta uma combinação de características que são relevantes para várias abordagens: como concordância de gênero, o que permite avaliar como se dá a identificação de traços em casos de elipses nominais; elipse de VP com a extração do verbo, ampliando os conhecimentos sobre o licenciamento da Elipse de VP e sua relação com as diferenças entre línguas e; objetos nulos anafóricos, que são atualmente analisados como casos de elipse de DP, um tipo de elipse não descrito em nenhuma outra língua.

Por fim, sabemos que há muito mais o que se explorar sobre elipse e que este artigo não faz jus a tudo que já foi desenvolvido sobre o tema, mas esperamos que sua leitura contribua para uma visão geral de como o fenômeno tem sido abordado, especialmente em relação ao PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aelbrecht, Lobke. 2010. *The syntactic licensing of ellipsis*. Amsterdam, John Benjamins.
- Bobaljik, Jonathan e Cynthia Zocca. 2011. Gender markedness. The anatomy of a counterexample, em *Morphology* 21: 141-166.
- Brito, Ana Maria. 2001. Clause structure, subject positions and verb movement. About the position of *sempre* in European Portuguese and Brazilian Portuguese, em Yves D'Hulst, Johan Rooryck e Jan Schroten (eds.) *Romance languages and linguistic theory*, Amsterdam, John Benjamins: 63-85.
- Chomsky, Noam. 1955. *The logical structure of linguistic theory*, New York, Plenum (1975).
- Chomsky, Noam. 1965. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press.
- Chomsky, Noam. 2008. On phases, em Robert Freidin, Carlos Otero e Maria Luisa Zubizarreta (eds.), *Foundational issues in linguistic theory: Essays in honor of Jean-Roger Vergnaud*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press: 133-166.
- Chomsky, Noam e Howard Lasnik. 1993. The theory of principles and parameters, em Joachin Jacobs, Arnim von Stechov, Wolfgang Sternefeld, Theo Venneman. (eds.). *Syntax: An International Handbook of Contemporary Research*, Berlin, Walter de Gruyter: 506-569.
- Craenenbroeck, Jeroen van. 2010. *The syntax of ellipsis: Evidence from Dutch dialects*. New York, Oxford University Press.
- Craenenbroeck, Jeroen van e Jason Merchant. 2013. Ellipsis phenomena, em Marcel den Dikken (ed.), *The Cambridge handbook of generative syntax*, Cambridge, Reino Unido, Cambridge University Press: 701-745.
- Cyrino, Sonia M. L. 2010. On the loss of verb movement in Brazilian Portuguese, comunicação apresentada no XII *International Conference on Diachronic Generative Syntax (DIGS)*, Universidade de Cambridge, 14-16 julho.
- Cyrino, Sonia. 2012. On richness of tense and verb movement in Brazilian Portuguese, em María Victoria Camacho-Taboada, Ángel Jiménez-Fernández, Javier Martín-González e Mariano Reyes-Tejedor (eds.). *Information structure and agreement*, Amsterdam, John Benjamins: 297-317.
- Cyrino, Sonia e Ruth Lopes. 2016. Null objects are ellipsis in Brazilian Portuguese, em *The Linguistic Review* 33: 483-502.
- Cyrino, Sonia e Gabriela Matos. 2002. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese: A comparative analysis, em *Journal of Portuguese Linguistics* 1: 177-214.
- Cyrino, Sonia e Gabriela Matos. 2005. Local licensers and recovering in VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese, em *Journal of Portuguese Linguistics* 4: 79-112.
- Cyrino, Sonia e Gabriela Matos. 2007. Eclipse do VPE Variação Paramétrica, em *Cadernos de Estudos Linguísticos* 49(2):195-206.
- Dagnac, Anne. 2010. Modal ellipsis in French, Spanish and Italian. Evidence for TP deletion analysis, em Karlos Arregi, Zsuzsanna Fagyal, Silvina A. Montrul e Annie Tremblay (eds.), *Romance linguistics 2008: Interactions in Romance*, Amsterdam, Benjamins: 157-170.
- Depiante, Marcela e Pascoal Masullo. 2001. Género y Número en la Elipsis Nominal: Consecuencias para la Hipótesis Lexicalista, comunicação apresentada no I *Encuentro de Gramática Generativa*, General Roca, 22-24 novembro de 2001.
- Goldberg, Lotus. 2005. *Verb-stranding VP ellipsis: A cross-linguistic study*. Dissertação de Mestrado, McGill University, Montreal, Canada. [em linha] Disponível em: <https://babel.ucsc.edu/~hank/Goldberg-PHD-1st-half.pdf>
- Hardt, Daniel Francis. 1993. *Verb Phrase ellipsis: Form, meaning, and processing*. Tese de Doutorado, Universidade da Pensilvânia, Pensilvânia. [em linha] Disponível em: <https://repository.upenn.edu/dissertations/AAI9331786/>
- Hardt, Daniel Francis e Maribel Romero. 2004. Ellipsis and structure of discourse, em *Journal of semantics*. 21: 375-414.
- Harris, Zelig. 1957. Co-occurrence and transformation in linguistic structures, em *Language* 33: 283-340.
- Holmberg, Anders. 2016. *The syntax of yes and no*. Oxford, Oxford University Press.
- Holmberg, Anders. 2013. The syntax of answers to polar questions in English and Swedish, em *Lingua*. Special Issue, 128: 31-50.
- Johnson, Kyle. 2001. What VP ellipsis can do, and what it can't, but not why, em Mark Baltin e Chris Collins (eds.), *The handbook of contemporary syntactic theory*, Oxford, Blackwell Publishers: 439-479.
- Kehler, Andrew. 2000. Coherence and the resolution of ellipsis, em *Linguistic and Philosophy*, 25: 533-575.
- Kertz, Laura. 2010. *Ellipsis reconsidered*, Tese de Doutorado, Universidade da Califórnia, San Diego. [em linha] Disponível em: https://escholarship.org/content/qt0gc082qx/qt0gc082qx_noSplash_e18bf02ba991e48a981b0ec430e5f268.pdf

- Landau, Idan. 2018. Missing objects in Hebrew: Argument ellipsis, not VP ellipsis, em *Glossa: a journal of general linguistics*, 76: 1-37.
- Lasnik, Howard. 1999. Pseudogappings puzzles, em Shalom Lappin, Elabbas Benmamoun, *Fragments: studies in ellipsis and gapping*, Oxford/New York, OUP: 141-174.
- Lees, Robert. 1961. *The phonology of modern standard Turkish*. Bloomington, Indiana University Press.
- Lipták, Anikó. 2012. V-stranding ellipsis and verbal identity. The role of polarity focus, em *Linguistics in the Netherlands*: 82-96.
- Lobeck, Anne. 1995. *Ellipsis: functional heads, licensing and identification*. Nova Iorque, OUP.
- López, Luiz. 1999. VP-Ellipsis in Spanish and English and the features of Aux, em *Probus* 11: 263-297.
- Martins, Ana Maria. 1994. Enclisis, VP-deletion and the nature of Sigma, em *Probus* 6: 173-205.
- Merchant, Jason. 2001. *The syntax of silence. Sluicing, islands and the theory of ellipsis*. Oxford, OUP.
- Merchant, Jason. 2008. An asymmetry in voice mismatches in VP-ellipsis and pseudogapping, em *Linguist Inquiry* 39: 169-179.
- Nunes, Jairo e Cynthia Zocca. 2009. Lack of morphological identity and ellipsis resolution in Brazilian Portuguese, em Jairo Nunes (ed.) *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamin: 215-236.
- Rooth, Mats. 1992. Ellipsis redundancy and reduction redundancy, em Stephen Berman, Arild Hestvik (eds.). *Proceedings from the Stuttgart ellipsis workshop* 340, Heidelberg, Universität Stuttgart: 1-26.
- Ross, John Robert. 1969. Guess who?, em Robert Binnick, Alice Davidson, Georgia M. Green e Jerry L. Morgan (eds.). *Papers from the 5th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, Chicago, CLS publications: 2523-2586.
- Sag, Ivan. 1976. A note on verb phrase deletion, em *Linguistic Inquiry* 7: 664-671.
- Shopen, Timothy. 1972. *A generative theory of ellipsis: A consideration of the linguistic use of silence*. Tese de Doutorado, Universidade da Califórnia, Los Angeles. [em linha] Disponível em: <https://linguistics.ucla.edu/images/stories/Shopen.1972.pdf>
- Tancredi, Christopher. 1992. *Deletion, deaccenting and presupposition*. Tese de Doutorado, MIT, Massachusetts. [em linha] Disponível em: <https://dspace.mit.edu/handle/1721.1/12893>
- Teixeira de Sousa, Lílian. 2012. *Sintaxe e interpretação de negativas sentenciais no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, Unicamp, Campinas. [em linha] Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/268918/1/TeixeiradeSousa_Lilian_D.pdf
- Teixeira de Sousa, Lílian. 2015. Three types of negation in Brazilian Portuguese, em *Lingua*, 159: 27-46.
- Teixeira de Sousa, Lílian. A sair. O sistema responsivo do Português Brasileiro, em *Diadorim*
- Thoms, Gary. 2010. 'Verb floating' and VP-ellipsis: Towards a movement account of ellipsis licensing, em *Linguistic variation yearbook* 10: 1, 252-297.
- Winkler, Susanne. 2005. *Ellipsis and focus in generative grammar*. Mouton de Gruyter, Berlin-Nova Iorque.